

Editorial

Este número da *Reverso*, o 79, foi preparado dentro do período da pandemia do COVID-19, que se apossou não só do Brasil mas também de todos os países.

Consideramos importante, neste momento, manter a palavra psicanalítica inscrita em nossos artigos, fazê-la chegar aos leitores e, assim, pelo prazer do conhecimento, trazer esperança a nossos “corações e mentes”.

Com foco na clínica psicanalítica, surge uma pergunta: “Como atua o Superego, a partir do mais íntimo da subjetividade e do mal-estar na cultura, vociferando: Faça aquilo que conspira contra ti!?” Assim, nossa convidada, Marta Ambertín inicia seu artigo, *Vozes do Superego na clínica e o mal-estar contemporâneo - paradoxos e trevo do Superego*. Prossegue num apanhado das formas como Freud descreveu o SE e seus efeitos na clínica. Ao final de seu texto, tomando o SE como revés do desejo inconsciente, afirma que só há clínica do desejo e não clínica do SE. Termina com a máxima lacaniana: “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo”, mas adverte que isso nem sempre é possível.

No setor Teoria e Clínica Psicanalíticas, iniciamos com as autoras Débora Crivelaro Dickel e Daniela Scheinkman Chatelard um estudo sobre os efeitos que uma deficiência orgânica no bebê pode ter sobre o imaginário parental e as implicações que pode trazer para a constituição subjetiva do bebê e sua imagem corporal. No artigo *Considerações sobre o corpo na constituição subjetiva do bebê com deficiência*, as autoras discutem a possibilidade de elaboração parental do luto pela perda do bebê imaginário e a construção de novo investimento libidinal, possibilitando um estatuto de sujeito a esse filho.

Em seguida, Jô Gondar, em *Ouvir com os olhos: gestos, expressões, ritmos*, nos traz o conceito de dissociação, já estudado em Freud, no texto de Masud Khan (1971), quando este relata a dissociação que se opera entre o que o analista ouve como discurso e como expressão do corpo. Chama a atenção para uma clínica que não se reduz à linguagem verbal, mas implica gestos, tons de voz, odores, atmosferas e ritmo, fazendo uma correlação com vivências intrauterinas.

A *prática psicanalítica* é o texto escrito por Maria Ângela Assis Dayrell em que discorre sobre o desejo de analista e sua posição na direção de uma análise, a partir da operação de se constituir no “ser analista”.

No artigo seguinte, *Narrativa e história de si, contadas em análise*, Scheherazade Paes de Abreu tece fios na fronteira entre psicanálise e história. Assegura, para todos, uma questão sobre o valor da vida, a sexualidade e a morte, cuja resposta é a narrativa de uma história. Na análise, aponta para não só a importância da história, mas também o modo como se narra sua história.

O *estranhamente infamiliar dos medos*, texto elaborado por Vanessa Campos Santoro, compara a fobia, que surge como resposta à angústia de castração, num tempo de estruturação do sujeito – a fase fálica, com a irrupção do real no caso dos bombeiros que participaram do resgate às vítimas do rompimento da barragem em Brumadinho (MG), que foram ouvidos em atendimento psicanalítico e trouxeram além do estresse pós-traumático, lembranças da história de cada um com fixações em traumas infantis.

A seção Psicanálise e Cultura é aberta com Eliana Rodrigues Pereira Mendes e Marisa Lima Rodrigues, discutindo a questão da iniciação sexual de jovens segundo o grupo social e o tempo histórico em que vivem, sempre numa reedição do complexo de Édipo, no artigo *Amar, verbo intransitivo, idílio: a iniciação sexual de um jovem e o desejo de*

Fräulein. As autoras trabalham, no romance homônimo de Mário de Andrade, *Amar, verbo intransitivo, idílio*, o enredo amoroso de um jovem adolescente e sua iniciadora sexual, contratada pelo pai deste, onde o verbo amar, intransitivo, sofre uma subversão e torna-se transitivo, escapando ao roteiro escrito pelo pai do rapaz.

Em seguida, com o artigo *Transfobia, masculinidades e violência sob a ótica da psicanálise*, os autores Gabrielle Leite Rocha, Hugo Ribeiro Lanza e Sarug Dagir Ribeiro discutem a transfobia pelo viés da teoria da sedução generalizada e da categoria de códigos de Jean Laplanche, que a situa na origem alteritária dos processos constitutivos do psiquismo e da noção de enquadramentos proposta por Judith Butler, para entender os abalos narcísicos nas identidades masculinas e seus efeitos violentos para com mulheres trans e travestis.

Com o texto *Uma lei incompreendida: o dilema ético e moral de Heloise*, Otacílio José Ribeiro discute as possibilidades, pela via da psicanálise, de o sujeito se haver com seu desejo diante das exigências do Superego, atualizadas nas leis sociais. Exemplifica essa problemática trabalhando aspectos metapsicológicos da protagonista Heloise no filme *Em Nome de Deus*.

No setor Psicanálise e Arte, Daniel Röhe discorre sobre as questões musicológicas e sua presença na relação entre analista e paciente, pouco exploradas e estudadas. Estende suas considerações à expressão dos afetos pela tonalidade Ré menor de que os compositores se servem em suas peças. Traz exemplos de experiências pessoais e profissionais de Freud com a música e encerra esse artigo *Reflexões clínicas em Ré Menor* perguntando: por que a música possui um *status* de marginal em sua relação com a psicanálise?

Finalizando, temos uma *Entrevista com Arlindo Pimenta - 50 anos de Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, onde ele discorre sobre os dados históricos da psiquiatria mineira nos anos 1960, a influência da psicanálise sobre ela e seu percurso profissional concomitante à fundação e à constituição do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG) até os dias de hoje.

A produção da *Reverso* conta com uma notável Comissão de Publicação composta por Ana Boczar, Carlos Antônio Andrade Mello, Eliana Rodrigues Pereira Mendes, Marília Brandão Lemos de Moraes Kallas, Paulo Roberto Ceccarelli e coordenada por Maria Mazzarello Cotta Ribeiro.

Nos trabalhos técnicos temos: na revisão e normalização dos artigos, Dila Bragança de Mendonça; no projeto gráfico, Valdinei do Carmo; na revisão do inglês, Paulo Roberto Ceccarelli; na tradução do espanhol, Bernardo Maranhão; na revisão técnica do espanhol, Carlos Antônio Andrade Mello; na biblioteca, Marta Aparecida Almeida e Almeida; na secretaria do CPMG, Adriana Dias Bastos.

A toda essa equipe de primeira ordem, os nossos agradecimentos e reconhecimento!

Nossa capa é uma ilustração de Thiago Mendes, que traduz com muita propriedade o momento atual quando a necessidade do isolamento social levou a relação analítica à modalidade virtual, seus efeitos e sua inventividade. O divã conectado com o mundo!

Por toda a dedicação dos autores, pela equipe de produção e o apoio da Diretoria do CPMG a *Reverso* tem se mantido na classificação Capes/Anppep - B2.

A todos que participaram dessa edição o nosso muito obrigado!